

A coragem da fé no professor de teologia Gustav de Hermann Hesse

Elton Vinicius Sadao Tada*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma aplicação do conceito tillichiano de fé no personagem Gustav, um professor de teologia do livro “O Lobo da Estepe”, de Hermann Hesse. Para tanto serão necessárias algumas discussões sobre o conceito tillichiano de fé bem como a apresentação do contexto do livro de Hesse.

Palavras-chave: Paul Tillich; fé; Hermann Hesse.

THE COURAGE OF FAITH IN THE PROFESSOR OF THEOLOGY GUSTAV OF HERMANN HESSE

ABSTRACT

This paper aims to make an application of Paul Tillich's concept of faith in the character Gustav, a professor of theology from the book “Steppenwolf”, by Hermann Hesse. For this task, some discussions on Paul Tillich's concept of faith will be needed as well as the presentation of Hesse's book context.

Keywords: Paul Tillich; faith; Hermann Hesse.

Introdução

A fé em seus recortes metodológicos e dissecada cientificamente para ser observada pelos microscópios teológicos não esgota o sentido último da fé. Significativamente a fé não se faz objeto de estudo separado da complexidade da existência humana quando trazemos a mesma ao cenário da discussão tillichiana. A teologia de Paul Tillich, que se faz desde a cultura, põe a fé também no ambiente cultural e atenta por tentar respondê-la nos meandros da existência humana. Nesse sentido

* Teólogo, mestre e doutorando em Ciências da Religião pela UMESP. Membro do grupo de pesquisa Paul Tillich e do grupo de pesquisa Teologia no Plural. Bolsista Capes.

crê-se válida a aplicação dos conceitos tillichianos a serem discutidos na literatura de Hermann Hesse. O escritor de forte vertente existencial nos apresenta uma gama de possibilidades de análise tanto da religião, como da fé e da coragem humana de aceitá-la.

Nos recortes metodológicos que nos são caros e imprescindíveis, escolhemos um personagem do livro “O lobo da estepe” de Hermann Hesse. Sobre ele se colocará o peso da análise teológica da fé. Tal personagem é de menor importância para a leitura do livro em questão, mas pode ser considerado analiticamente como uma figura de protesto bastante relevante no âmbito da escrita de Hesse.

O estudo será guiado a partir de uma separação simples: primeiramente serão analisados termos gerais da noção tillichiana de fé para que depois tais noções sejam aplicadas sobre o personagem e a literatura de Hesse.

Pensar a fé teologicamente

A fé é um fator religioso independente e independentemente da religião. A religiosidade do ato de fé está relacionada com a religiosidade do confronto do ser humano com suas limitações existenciais bem como com suas ansiedades, medos e preocupações, tanto relativas quanto supremas.

“aquele que entra na esfera da fé entra no santuário da vida. Onde há fé há consciência do sagrado. [...] a consciência do sagrado é a consciência da presença do divino, a forma como se chama aquilo que nos preocupa de maneira última” (TILLICH, 2001 p. 14).

A fé não se demonstra em seu caráter existencial como um elemento livre dos perigos de desvio, como qualquer outro aspecto da existência humana. Ela pode possuir caráter positivo ou negativo, dependendo de como é entendida e de como é usada. O perigo principal é o da idolatria, propriedade negativa que se aproveita da necessidade lógica da ambigüidade na fé, bem como de sua utilização na vida do ser humano existente.

“o perigo da fé é a idolatria e a ambigüidade do sagrado é a possibilidade do demoníaco. Nossa preocupação suprema pode nos destruir bem como

pode nos curar. Entretanto, nós não podemos existir sem tal preocupação” (TILLICH, 2001, p. 18)

Há na fé a presença da dúvida. A constante e inegável presença da dúvida na fé nos mostra a necessidade de discutir a fé em relação com a coragem. É essa dúvida que firma a fé no âmbito da existência humana, que extrapola os limites de uma metafísica simplista em prol da discussão real sobre o ser-no-mundo.

“a dúvida que é implícita em todo ato de fé não é nem metodológica nem cética. É a dúvida que acompanha todo risco. [...] é a dúvida de quem é preocupado de maneira suprema sobre um conteúdo concreto. Essa dúvida pode ser chamada de dúvida existencial [...] é consciência da insegurança em toda verdade existencial” (TILLICH, 2001, p. 23).

A fé é um esforço humano e é necessário que se entenda como tal. Sendo um esforço humano ela tem determinados alcances e alguns limites. É necessário que se entenda os limites do esforço religioso humano.

“não somos capazes de ligar a infinita distância entre o infinito e o finito a partir da finitude. Esse fato já possibilita a coragem da fé. O risco da falha, do erro, da distorção idolátrica deve ser tomado, pois a falha não pode nos separar daquilo que é nossa preocupação suprema” (TILLICH, 2001, p. 122).

A possibilidade da coragem da fé é consequência de nossa condição existencial primeira. Falamos desde o ponto de vista da finitude. Estamos abraçados e embebecidos pela realidade da finitude humana.

“viver a fé inclui a dúvida sobre si próprio, a coragem de ter tal dúvida em si, e o risco da coragem” (TILLICH, 2001, p. 119).

Certamente o ato da fé não é atitude cômoda. Em verdade, o questionamento existencial em sentido amplo é um princípio nauseante do qual as mais diversas formas de teologia correm desesperadamente. É característico do trabalho teológico bem como da metafísica formal transferir as certezas transcendentais para as práticas de vida dos seres humanos que as assumem como verdade. Quando se toma tal atitude

corre-se o risco de sair da atitude da fé para iniciar a prática da fé idolátrica.

“por exemplo, se o elemento da preocupação suprema de alguém é Jesus como o Cristo, tal fé não é questão de absoluta certeza, é ousada coragem com o risco da falha. Mesmo se a afirmação de que Jesus é o Cristo for feita de maneira forte e positiva, o fato de ser uma confissão/crença traz consigo coragem e risco” (TILLICH, 2001, p. 118).

Nesse sentido há a inegável necessidade de que se aceite a coragem de aceitar a aceitação em âmbito existencial para que se entenda o sentido tillichiano da fé. A fé tal como é expressa em tal pensamento ultrapassa níveis argumentativos de dogmáticas para expressar em linguagem ontológica a realidade existencial da atitude de fé. Entender a participação da coragem no processo da fé é entender a possibilidade da fé em sua complexidade existencial.

Por fim, compreende-se que o pressuposto da aplicação existencial da fé pode passar pelas mesmas características da coragem de ser tillichiana, podendo revelar elementos parciais ou finais da existência de acordo com o posicionamento do existente, bem como a compreensão de sua própria existência no mundo.

A aplicação da coragem da fé tillichiana em Herman Hesse

Hermann Hesse foi um proeminente romancista europeu do último século. Na década de 1940 chegou a receber o prêmio Nobel de literatura, com o qual se louvava acima de qualquer outro talento a profundidade poética que o autor conseguira imprimir em seus textos.

Em “O lobo da estepe” Hesse conta a trajetória de seu personagem Harry Haller, um senhor letrado e angustiado com o estilo de vida burguês que imperava em seu tempo. Haller seria um ávido crítico político-social, publicando com certa frequência textos em veículos midiáticos de grande circulação. Era um homem sozinho no mundo. Na narrativa não há um só ser com que ele se relaciona por anelos afetuosos. Ele se relacionava muito mais com seus livros do que com outras pessoas. Já no início da narrativa ele recebe um panfleto que o

convida para “o teatro mágico”. Tal espaço só será por ele freqüentado ao fim da narrativa.

A lógica central da narrativa de Hesse sobre Haller se dá na mudança da condição do homem solitário e selvagem tal qual o lobo da estepe para um homem festivo e apaixonado. A condição para que se torne feliz em suas paixões é que deixe morrer diariamente o lobo que o domina. Quem o guia em tal proposta é a formosa Hermínia, jovem atraente que ensina e restaura vários elementos agradáveis de Haller. Hermínia o ensina a dançar, ouvir música popular, e a amar. Mostra que seu comportamento de lobo solitário não o levaria para lugar algum além do suicídio, que inclusive já tinha sido determinado por Harry Haller para ser o evento comemorativo de seu quinquagésimo aniversário.

O personagem Gustav, que será aqui analisado, entra em cena nos últimos momentos do romance. Depois da longa jornada aprendendo e experimentando boas coisas da vida com Hermínia, Haller é levado ao teatro mágico por Pablo, um saxofonista que lhe fora apresentado também por Hermínia. O teatro mágico era um tipo de experiência interior na qual Haller podia viver âmbitos do seu ser que não condiziam necessariamente com a realidade. Era uma espécie de experiência transcendental, mas que não era voltada para o exterior, e sim para o interior do personagem. Em tal experiência, provocado pelo trago de um elixir e por um fumo denso, Haller se via em um corredor com diversas portas estreitas, cada qual com um convite descritivo: “Deseja Espiritualizar-se? A Sabedoria do Oriente”, “Quem Me Dera Ter Mil Línguas! Só Para Cavalheiros”, “O Ocaso do Ocidente / Preços Reduzidos. Nunca Superados”.

A primeira porta em que Harry Haller entra contava com o cartaz: “Caçada Alegre! / Montaria em Automóveis”. É nesse espaço que encontra seu amigo de infância, Gustav, que havia se tornado professor de teologia. É durante tal caçada alegre que veremos os aspectos da fé de Gustav.

A “caçada alegre!/montaria em automóveis” era uma porta que levou Haller a um ambiente urbano no qual se travava apocalíptico conflito entre homens e máquinas. Todavia, as máquinas não lutavam por si só, mas com o apoio dos industriais, dos que defendiam o capital, o trabalho e a ordem estabelecida. Contra tal ordem que tinha em

sua linha de frente as máquinas, lutavam os homens que buscavam o resgate do sentido da existência, e que pregavam o valor do indivíduo.

Nesse contexto no qual não havia abstenção opcional, Haller encontra seu amigo Gustav, professor de teologia, que por hora luta contra as máquinas. Os dois seguem em jornada até uma estrada fora da cidade na qual desembocam várias outras, e lá se colocam de vigília no alto de uma árvore. Atiram impiedosos contra as pessoas que passam em seus veículos.

A respeito de sua atual tarefa, Gustav afirma que:

“E agora, neste exato momento, o delito de haver nascido me força a matar, como na guerra. E desta vez não mato com repugnância; estou resignado à minha culpa, nada tenho a me opor que este mundo imbecil e obtuso se faça em pedaços, e colaboro com gosto na tarefa, e prazerosamente sucumbirei com ele” (HESSE, 2009, p. 201)

Essa é uma clássica imagem de aceitação. Gustav afirma seu ato, que é matar, mostra como o faz, sem repugnância, o aceita apesar de mostrar seus pesares e participações negativas, resumidos nos termos “prazerosamente sucumbirei com ele”.

Subseqüentemente, o homem que tinha por costume o fazer teológico, explica as relações entre razão e irracionalidade em seu ato de fé:

“sim, há homens em demasia na terra. Antes a gente não se dava conta disso. Mas agora, quando as pessoas já não se contentam em respirar e querem também ter um automóvel, a coisa se nota mais. Naturalmente, o que estamos fazendo não é racional; trata-se de uma infantilidade, como também a guerra é uma infantilidade em escala monumental. A humanidade aprenderá mais tarde a regular a população por meios racionais. Enquanto isso é necessário reagirmos contra essa situação insuportável de maneira bastante irracional; mas, no fundo, fazemos o que é necessário: reduzimos” (HESSE, 2009, p. 203).

Em tais termos, Gustav apresenta dialeticamente os elementos de sua fé. Afirma que o que faz é irracional, demonstra a esperança de uma racionalidade futura, depois reafirma sua tarefa irracional de reduzir, aceitando sua própria aceitação. O erro do professor está no elemento negativo que a aceita automaticamente ao aceitar as ambigüidades de seu ato.

Como vimos acima na análise tillichiana da fé, a aceitação da ambigüidade não deve aceitar consigo os elementos demoníacos, que implicam em uma atitude idolátrica. Tal erro é percebido na narrativa, quando há uma espécie de evento revelatório que os recobra de sobriedade:

“chegou embaixo da árvore um caminhante, viu os carros capotados, [...] sentou-se tranquilamente no peitoral da estrada, tomou um gole da garrafa e comeu algo que estava envolto em papel estanhado [...] terminou de beber a garrafa e seguiu, satisfeito, seu caminho, com a sombrinha embaixo do braço” (HESSE, 2009, p. 204)

Todas as pessoas que passaram por aquele local em seus automóveis foram de uma maneira ou de outra atingidas pelo ataque de Gustav. Entretanto, devemos lembrar que a luta inicial que havia se proposto era contra as máquinas e contra um sistema insustentável de opressão à individualidade humana posta pela formatação industrial da sociedade.

Ao verificar que havia ainda um homem que comia e bebia, que andava com a força de suas próprias pernas e que agia, como todo ser humano, de maneira infantil, os atiradores foram tocados, chamados à reflexão sobre seus atos.

“bastou vermos um homem que se comportava inocentemente, pacífico e infantil, que continuava a viver ainda em estado de inocência, para que toda a nossa atividade, tão elogiosa e necessária, nos comesse a parecer estúpida e repelente” (HESSE, 2009, p. 204-205)

Perceber-se de maneira estúpida e repelente é o princípio do caminho que tira o ser humano de sua atitude idolátrica, traçando assim seu caminho para a sincera atitude de fé. Essa análise está sendo feita desde o pensamento tillichiano, e não devemos nos enganar pensando que uma luta como a que se inscrevera o teólogo Gustav não poderia ser uma luta de fé.

Para fazermos uma ponte mais concreta com a fé em seu sentido cristão, basta sinalizar que o homem que come, bebe e segue seu caminho, pode remeter diretamente ao texto bíblico narrado no livro de Cohelet (Eclesiastes), no capítulo 9, versos 7-9, que pode ser resumido da seguinte forma: “come teu pão, bebe teu vinho e goza a vida com a mulher que amas, porque esta é tua porção nesta vida”.

O homem que passa por debaixo da árvore em que estão nossos atiradores Gustav e Haller, está simplesmente obedecendo ao ensinamento do sábio de Eclesiastes. Esse homem mostra a eles algo sobre a condição humana para além da guerra que está ali em curso. Há então um precioso declínio a caminho do reconhecimento da idolatria, do perdão e da redenção.

Na narrativa de Hesse, sucede de maneira bastante simbólica o seguinte desfecho:

“lá ao longe, na cidade em chamas, os sinos começaram a tocar angustiosamente. Iniciamos a descida. Enquanto ajudava Dora a galgar o parapeito, beijei-lhe os joelhos ela riu sonoramente, mas aí as pranchas cederam e tombamos juntos no vazio” (HESSE, 2009, p. 205)

É desnecessário que se diga que os sinos não soam angustiantes por si próprios. A forma como se apresentam na narrativa demonstra a angústia reflexiva de quem os ouve e narra. O destino de Haller não poderia ser outro: cai no vazio. Não permite, entretanto, que o vazio se instaure e se torne grave deidade. Segue seu caminho, experimentando audaciosamente as portas do teatro mágico. Simplesmente torna, no sentido tillichiano, a ser um homem no caminho de busca pela sinceridade de sua própria fé.

Conclusão

Ao fim dessa breve aproximação teológico-literária podemos fazer algumas observações de caráter conclusivo. Primeiramente podemos entender que a teologia da cultura tillichiana pode ser aplicada diretamente na literatura de Hermann Hesse, não excluindo o necessário cuidado tanto com o entendimento da teoria teológica quanto da leitura do texto poético-literário.

Em segundo lugar nota-se como a fé desde o ponto de vista tillichiano revela as ambigüidades da existência e as leva em consideração no entendimento da relação entre o ser humano e o sagrado. A fé, bem como todos seus correlatos religiosos não implica na eliminação, superação ou suspensão da complexidade existencial do ser humano, ou

seja, não é jogada para a plenitude metafísica em detrimento da vida real que se vive, narra, experimenta e revela na literatura.

Hermann Hesse, na proposta do Lobo da estepe, põe seu principal personagem Harry Haller em diálogo com o professor de teologia Gustav, mostrando assim o diálogo do indivíduo com o outro da fé, bem como a necessária inflexão do indivíduo sobre os pressupostos de seus atos de fé.

Gustav não é um personagem construído de maneira retilínea. Como revelador das facetas humanas em sua relação com a fé, mostra posicionamentos proféticos e protestantes assim como idolátricos. Traz com siglo a positividade da fé sincera e sua necessária incidência político-social, como as negatividades do exagero da crença, que desembocam na idolatria do indivíduo em sua ação cotidiana firmada em sua fé.

A reflexão aqui feita mais do que mostrar características específicas dos citados autores e personagens, lança mão ao desafio da análise teológica da literatura, bem como da obra de arte em geral. Dá-se aqui as cartas de um jogo sem regras fixas, que está em constante construção e desconstrução por meio de seus autores, e que só não pode abrir mão da regra de não se omitir ante ao imenso trabalho que as ciências humanas tem a desenvolver tanto no âmbito teológico da fé quanto no âmbito crítico da poética literária.

Referências

- HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- TILLICH, Paul. *Dynamics of faith*. New York: Perennial, 2001.